

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 670



A CARTEIRA e o DINHEIRO

Por LAURA CHAVES

Certa carteira vulgar,
de couro, com cantos de aço,
foi por acaso parar
à algibeira dum ricoço.

Depois, quando ali se viu,
tomou um ar altaneiro
porque os seus bolsos sentiu
a abarrotar de dinheiro.

E, esquecendo a sua origem,
a vitela sua mãe,
foi tomada de vertigem...
Julgou-se rica também.

E com que soberba olhava
para a bolsinha de cobre,
que só miudos guardava...
Era uma parente pobre!

Uma vez, calhou ouvir
alguém que, por brincadeira,
disse ao tal ricoço, a rir:
— «Eu só lhe invejo a carteira...»

Ficou vaidosa de todo!
Só terem cobiça dela
tendo o dono massa a rodo!...
Era preciso ser bela!

Seria o seu cabedal
que a fazia um tal primor
e tornava colossal
o seu enorme valor?

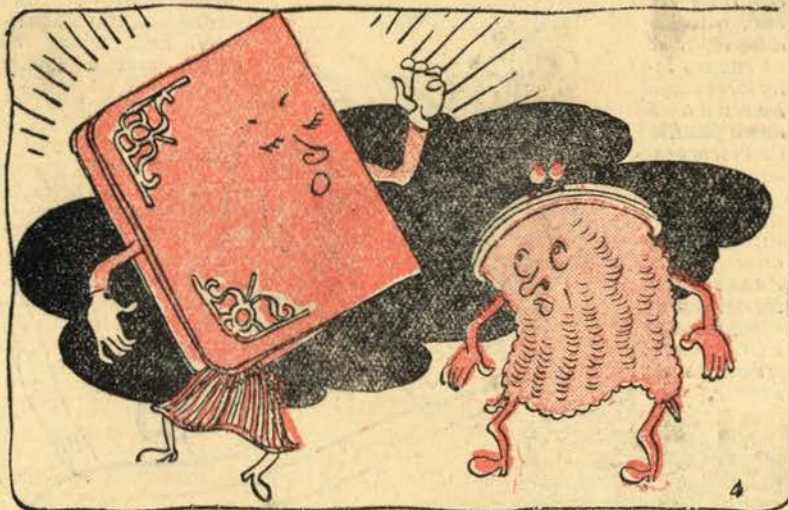
E julgou-se doutra esfera
e duma outra natureza...
O dinheiro nada era
perante a sua beleza!



Mas, depois, vai senão quando,
que havia de acontecer?
Foi a «massa» rareando
e ela pôs-se a emagrecer.

A sorte foi traiçoeira,
o dinheiro foi à vela
e só então a carteira
se lembrou da mãe vitela.

Há neste mundo embusteiros
gente rica tal qual ela...
tem o verniz do dinheiro
mas por baixo... é de vitela.



F I M

O sonho da Mariazinha



Por FRANCISCO DA FONSECA DIAS

A Mariazinha é uma menina esperta, alegre, educada. Fez este ano o seu segundo ano dos liceus. A Mariazinha aspira ser alguém no nosso meio literário e social.

Mas com os seus 15 anos incompletos, acontece-lhe o que acontece a todas as meninas da sua idade. É rara a noite em que os seus sonhos não sejam povoados de sonhos! E numa das últimas noites ela teve um sonho ao mesmo tempo alegre e triste.



Sonhou que tinha acabado o curso superior de letras, com a honrosa classificação de 20 valores!

Os jornais, em longos artigos laudatórios, enalteciam as qualidades de inteligência da Mariazinha, apontando-a como uma autêntica glória das letras pátrias!

Conhecedor desse pormenor, tão honroso para uma menina de 15 anos, o Ministro da Educação — e aqui continua a parte mais linda do sonho da Mariazinha — convidou-a a instituir e a reger, entre as alunas do Curso de Superior de Letras, uma cadeira de Economia doméstica! Orgulhosa por tão subida distinção, Mariazinha meteu imediatamente ombros á sua honrosa em-

prêsa. Criou a cadeira de Economia Doméstica, e, entre a curiosidade geral, deu início às aulas. Na vasta sala que lhe fôra reservada, viam-se máquinas de costura, agulhas, carrinhos de linha, panos brancos, meias para consertar, fôgoes, ferros de engomar, géneros alimentícios para ensaios de refeições, etc, etc... A primeira lição tinha como tema as seguintes perguntas:

1.º *Digam que quantidade de linha é precisa para pregar solidamente um botão, tendo em conta a máxima economia?...*

2.º *Que quantidade de ensaboados se podem lavar com um quilo de sabão?...*

3.º *Que quantidade de açúcar se deve gastar para adoçar um litro de café com leite?...*

4.º *O que se deve fazer, a umas meias que tem a palmilha estragada mas estão boas nas partes superiores?...*

Ora, na sua maioria, as alunas responderam da seguinte maneira:

1.º *Para pregar um botão sólidamente gastam-se entre cinquenta a setenta e cinco centímetros de fio, segundo o tamanho do botão.*

2.º *Com um quilo de sabão, devem ensaboar-se as roupas interiores duma semana e duma família de cinco pessoas.*

3.º *Para adoçar um litro de café com leite, devem gastar-se, aproximadamente cinquenta gramas de açúcar.*

4.º *A uma meias com as palmilhas estragadas, deitam-se umas palmilhas com bocados doutras meias, já condenadas para o lixo.*

Em face destas respostas, Mariazinha — que continuava a sonhar... — arregalou muito os olhos, pregou uma tremenda descompostura nas alunas, dizendo-lhes que eram umas ignorantes, que envergonhavam o seu curso e o seu sexo e que ia mostrar-lhes como tinha razão em as repreender.

E começou assim:

1.º *Para se pregar um botão, solidamente e com a máxima economia, gasta-se um carrinho de linhas das mais grossas, se o botão é pequenino, e dois se ele é grande.*

2.º *Com um quilo de sabão, o mais que se pode ensaboar é um lençinho pequeno de algebeira!...*

3.º *Para adoçar um litro de café com leite, deve gastar-se, aproximadamente, uma saca de quinze quilos de açúcar do mais doce!...*

4.º *As meias com as palmilhas rôtas deitam-se fóra e vai-se, em seguida, comprar outras novas!...*

E' assim, minhas menina, que se governa uma casa com economia!...

As alunas começaram a ri-se á sucapa e um senhor que assistia á lição, — e que era nem mais nem menos, o Ministro, levantou-se e, dirigindo-se á Mariazinha, disse-lhe com gravidade:

— «V. Ex.ª, minha Senhora, está a sonhar!»



O ASSEIO

Por **JOSINO AMADO**

A doce luz do azeite, desmaiando,
Pendente da parede denegrida,
Espalha o seu clarão, tremente, brando,
E, por fazer só bem, a própria vida
Vai consumindo, alegre, num sorriso
Que lembra o do bom Deus no Paraíso.

Em volta da fogueira crepitante,
Estão o pai, a mãe, a avó, o cão,
E o Carlos, um amável estudante
Que lê, pausadamente, uma lição.
Mal terminou, o pobre lavrador
Assim falou ao filho, com amor:

— «Meu filho, já passaram quatro invernos,
Que te matriculei. . . Deixa cá ver
Da tua bolsa os livros e os cadernos;



Pois quero apreciar se o teu dever
Sabes cumprir, com a mesma ternura
Com que eu lavro da terra a face dura.»

Carlos, um estudante cuidadoso,
Ficou alegre e a saca ao pai entrega.
Este tudo observou, feliz, zeloso,
Com o cuidado e acerto com que rega
No seu hortêu, em tardes estivais,
As batatas, as couves, os feijoais.

Depois, sentando o filho no regaço,
Contente do que vira, diz-lhe assim:
— «Vai tudo bem. Dá cá um grande abraço. . .
A letra está melhor e para mim
E' prazer confirmar, desta maneira,
Que aproveitais do mestre a sementeira.

Os erros já são menos e as rasuras
Vão rareando já, mais os borrões;
Isso é prova, meu filho, que te apuras
No cumprimento das obrigações;
Os livros estão limpos, bem cuidados
E todos os trabalhos acabados.

Prossegue assim. Pois sabes bem que o asseio
Dá aos trabalhos um valor imenso.
Para atraírmos o respeito alheio,
A consideração, a estima, eu penso
Que no corpo, nas almas, e na mente
Deve existir asseio permanente.

Quando assim fôr, em tôdas as cidades,
Nas aldeias, nos montes e no vale,
Não nos hão-de faltar felicidades
Neste nosso bendito Portugal,
E hão-de se repetir, cheias de glória,
Nobres acções de que nos fêza a História!



Se não estivesse, não diria dessas coisas!

As suas alunas responderam muito bem, e V. Ex.^a prova que não percebe nada do governo caseiro! Por esse motivo volta para o seu antigo curso, para se aperfeiçoar nesta especialidade, sem a qual fica sem efeito o seu último acto. . .

Mariazinha, ao reconhecer o Ministro, desmaiou de susto e de vergonha, e quando voltou a si estava sentada na cama, a chorar convulsivamente! . . .

Tinha acordado do seu sonho e, ainda mal refeita do tremendo susto por que passara, dizia entre lágrimas.

— «Pois se eu, para pregar um botão, nunca gastei mais de meio metro de linhas; se com um quilo de sabão

passo os ensaboados todos duma semana em minha casa e somos 6 pessoas, e ainda me sobra um bocadinho! . . .

Se, para adoçar um litro de café com leite, raramente gasto mais do que quarenta gramas de açúcar; se as meias da mamã e as minhas, quando as palmilhas estão inutilizadas, sempre as consertei com pedaços doutras meias já postas de parte! . . .

Eu não estava em mim. . .

Eu não estava em mim! E perco a minha cadeira de professora, o meu *fauteuil* na Academia de Ciências, o meu prestígio, o meu futuro! Como eu sou infeliz! E chorava, chorava sempre, esfregando com as mãos os olhos mal acordados ainda. . .

Nesta altura, a mãe da Mariazinha, acordada em sobresalto, sacudiu-a com força, e foi então que Mariazinha reconheceu que tudo aquilo fôra um sonho mixto de bom e de mau, sonho que foi para ela mais uma lição, para aprender, cada vez mais, a ser económica, culta e prudente, para um dia vir a ser uma dona de casa exemplar, que é a ciência mais complicada e mais necessária para uma mulher vencer na vida e ser útil á família e á Pátria, que tem como base do seu programa e da sua riqueza a economia e a intrução dos seus filhos!

F I M

A Liloca endiabrada

Por Leonorde Campos



VOCÊS sabem quem é a Liloca, pois sabem?

É aquela morenita de olhos verdes e grandes, travessa e espletada, de quem vocês gostam muito, mas — confessem, nada de vergonhas! — a quem têm um pouquinho de medo!... Puderá!... Vocês sabem que a Liloca é rapariga capaz de ajudar nas brincadeiras ou nos estudos mas que, se a fazem arrelhar, em menos de três tempos, os põe knock-out!... não é assim?

Contudo, como eu já disse, vocês têm por ela especial predilecção.

E assim deve ser. Hoje, a Liloca é bem educada, amável, risonha e boa.

Mas nem sempre assim foi. Primeiro que ela chegasse a esta perfeição, foram precisos muito trabalho, muita canseira. Os pais — como todos os pais que desejam os filhos educados — tiveram que ralhar, que aconselhar, que castigar, para conseguirem fazer da Liloca o que ela é agora.

Vou contar-lhes algumas das suas

rabinices, para vocês verem quando ela se modificou.

Teria a Liloca quatro anos. Havia criados novos em casa.

Certo dia desapareceu, do cêsto de costura da mãe, um dedal de prata. E por mais que o procurassem, não apareceu. Dias depois, faltava uma jarra pequena, de porcelana, que costumava estar na sala de visitas. Depois, faltavam rendas, botões, lenços, almofadas... E o que desaparecia, não voltava a ser achado!...

A mãe andava apoquentadíssima, tanto mais que tivera optimas referências dos seus criados novos. E então, a senhora, sem dizer nada, resolveu fazer policia por sua conta.

Ao fim de alguns, dias chegou á conclusão de que os criados estavam inocentes. Portanto, o autor dos furtos só poderia ser a Liloca, pois a pequena, de vez em quando, desaparecia misteriosamente.

Mas onde esconderia ela o que tirava? E a mãe, um dia, pôs de parte todos os seus trabalhos e dedicou-se a espreitar a filha.



Em certo momento, esta, supondo a mãe entretida na cozinha, dirigiu-se ao quarto de arrumação.

A senhora seguiu-a, pé ante pé. Diante dum grande armário antigo, a Liloca parou. E, com cuidado, para evitar que rangesse, abriu uma das gavetas e meteu lá qualquer objecto que trazia escondido.

— «Liloca — gritou a mãe — que estás aí a fazer?»

A pequena ficou atrapalhadíssima. Respondeu a gaguejar:

— «Nada!... Não estou a fazer nada!...»

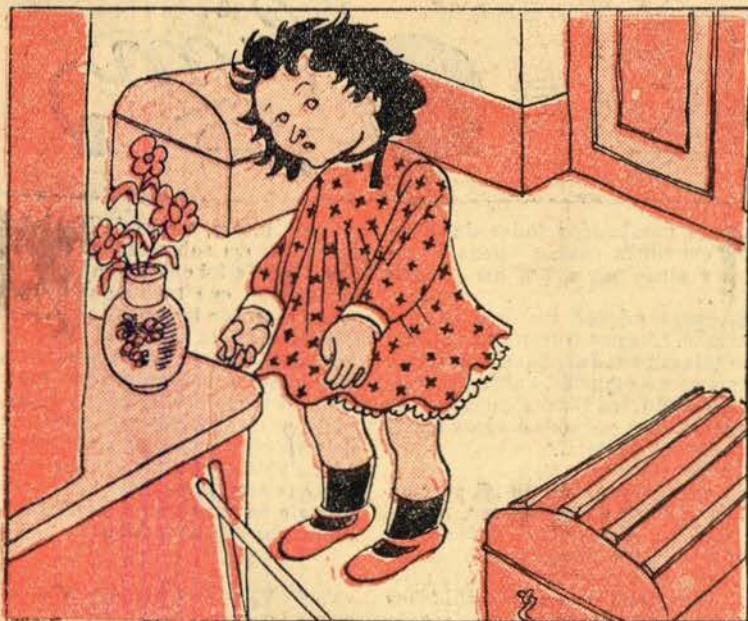
A mãe, então, abriu a gaveta. E aos seus olhos surgiram todos os objectos desaparecidos! Até um abano do fogão ali estava escondido!

— «O que é isto, Liloca? Para que escondeste estas coisas?»

A pequenita recuperou logo a serenidade. E, com ares importantes, retorquiu:

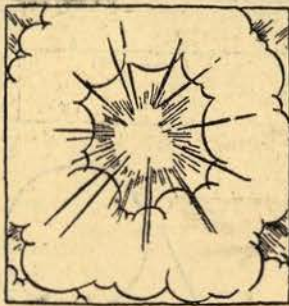
— «Ossa essa?!... É para quando eu me casar, está claro!...»

Vocês estão a ver o que sucedeu á Liloca Ficou sem sobremesa oito dias. E durante muito tempo aquêde desgraçado sítio, que costuma pagar as culpas dos meninos maus, esteve tão dorido que não consentia que ela se sentasse.



(Continua na página 7)

A BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA (CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)



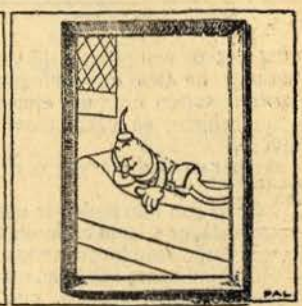
13 — O espirito foi grande e uma densa nuvem se fez em todo o salão. Não se via nada e, à medida que a nuvem se desfazia, a bruxa pôde, então, admirar a sua obra.



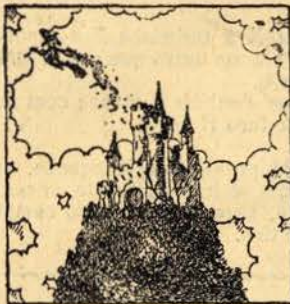
14 — Os servos e os guardas nos seus próprios postos, entregavam-se a um sono profundo. Os cortesãos adormeceram nas mais caricatas posições. Todos ressonavam, também. O Rei, no seu trono de cabeça pendida, cordão à banda e bigodes caídos, entrava, igualmente, no mundo do sonho.



15 — O cantor não escapara. Adormecera a pensar na sua arte e o seu ressonar assemelhava-se a escalas cromáticas. A bruxa viu, então, um quadro pendurado na parede que representava um antecessor da Real Casa de Bergengória, ao qual atirou uma porção do seu terrível pó. Foi imediato o efeito. O fidalgo, cansado da posição que guardava há tantos anos, resolveu, também, deitar-se a dormir.



16 — O próprio fogo, no artístico fogão da enorme câmara, deixou de brilhar. A bruxa ria, satisfeita com a sua vingança, e ao sair por uma das janelas grunhiu terrivelmente: — «Ah! Ah! Ah! Nunca mais vos levantareis! Sono eterno, eis a minha vingança!»



17 — A má mulher voou, ainda durante algum tempo em redor do castelo, espalhando o seu pó mágico. Tudo tinha, agora, outro ar. Era como se ninguém ali visse. As próprias rosas bravas cresceram rapidamente, tapando os caminhos, escondendo as entradas e altos muros do castelo.



18 — Dentro de pouco tempo, já ninguém conhecia aquele lugar. Os anos passaram-se. As rosas cresceram e seus espinhos defenderam, através do tempo, as investidas de muitos que quiseram desvendar o mistério do castelo adormecido. Em 1538, o bravo lord Bran Stone decidiu cavalgar sobre a Real Casa. Esperava desencantar a Bela Princesinha Adormecida.



19 — Vestiu a sua melhor cota de malha. Escolheu a mais resistente armadura e, de lança em riste, atirou-se para a aventura. Esta salu-lhe cara, pois nada conseguiu, voltando com os ossos tão amachucados como a armadura, e o cavalo todo ferido pelas roseiras.



20 — Em 1643, um estranho aventureiro pôe junto do castelo um terrível engenho. Era uma bomba e tudo iria pelos ares. Assim pensava o novo apaixonado de Bela Adormecida.



21 — Cautelosamente, largou fogo ao rastilho, após ter olhado para todos os lados. Safou-se, depois, para gozar, de longe, o efeito da sua ideia.



22 — Não contara, porém, que a bomba era redonda. Aquela rolou atrás dele e, quando rebentou, atirou-o ao ar com estrondo formidável.



23 — O seu fato ficou feito em mil pedaços e a pele toda chamicada. Mais uma tentativa falthara. A corte de Bergengória continuava adormecida. Parecia invencível o poder da bruxa...



24 — Um dos grandes inventores que viveu à volta de 1800, George Stephenson, construiu uma locomotiva a vapor. Ao ter conhecimento da história da Bela Adormecida não hesitou e ofereceu o seu invento para quebrar a barreira que separava o castelo do mundo.

(Conclui no próximo número)

Recortar na 3.ª página deste jornal um cupão que habilita cada menino a um esplêndido aparelho Rádio-Phillips. O CONCURSO DA BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA — Pim-Pam-Pum oferece aos seus leitorzinhos de Lisboa e das províncias um concurso que servirá para provar as qualidades artísticas dos pequeninos concorrentes. Basta, para isso, colorir cada um dos bonequinhos da Bela Princesinha Adormecida, conto que se prolongará por três números do Pim-Pam-Pum. No final, o menino concorrente fará uma encaenação para os desenhos do conto. Os três meninos que melhor tiverem colorido os bonecos e que tiverem feito a mais linda encaenação, receberão um lindo prémio. No próximo número estabeleceremos um prazo para a entrega dos trabalhos dos concorrentes

A NOSSA CONSTRUÇÃO: — UMA SURPRÊSA

Os nossos amiguinhos já viram nas barracas de tiro uns brinquedos em que, acertando com um chumbo num botão branco, se vêem mover várias figuras?

Eis o que vos oferece o «Pim Pam Pum.»

É claro que não pode ser usada uma espingarda, que daria cabo do brinquedo, mas este vosso jornal amigo deu-vos no último número, também, uma espingarda, de novo género, que servirá bem para o efeito.

O brinquedo consiste no seguinte: Uma caixa (fig. 1), em cuja tampa se vê, todo sorridente, o Chico Macaco.

Um de vocês atira uma «bala» ao botão branco «Z». Que sucede?

A peça X descai para trás e a tampa, puxada por um elástico, desce e ficará à vossa vista o escamadis-simo focinho do Chico, com uma atrevida môsa a voar à sua frente.

Posto isto, vamos à construção.

Colem, em cartão muito grosso, as tampas; a peça X e a Z. A môsa pode ser colada em papel almaço.

Em seguida, recortem em cartão uma tira; como se vê na fig. 4, cujo comprimento seja igual ao total dos quatro lados da tampa em que está o macaquinho a rir-se.

Armem essa tira como está na fig.

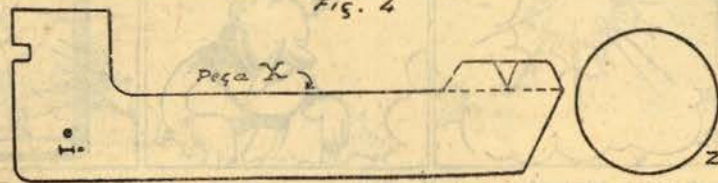
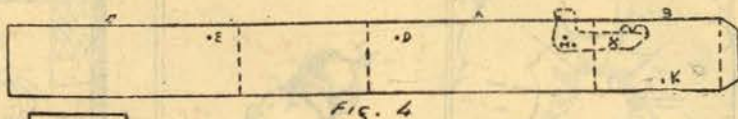


Fig. 1

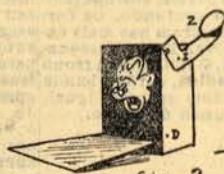


Fig. 2

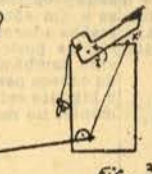


Fig. 3



Fig. 6



Fig. 5

5. Colem-lhe a tampa que tem as patilhas A B e C, como está na figura 6. Fica, como depois verão, um espaço em baixo. Prendam, depois, por meio duns *ataches*, E e D, as patilhas da tampa maior, uns furos que vocês farão na figura 5, na altura conveniente.

Liguem, a seguir, o furo F com um furo K, (fig. 5).

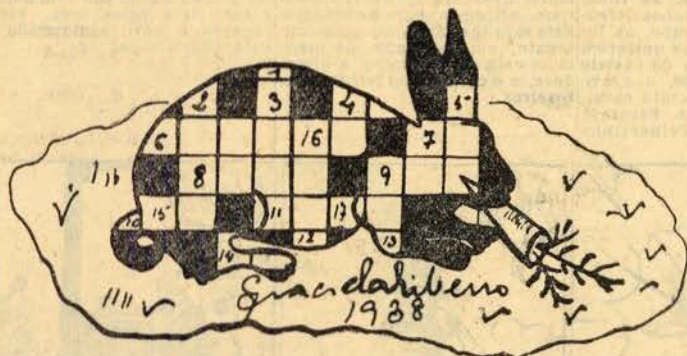
Por último, colem as duas patilhas

da peça X à rodellinha Z e depois o o furo I a um outro que vocês farão, (fig. 5 e 4).

Liguem também a môsa com uma linha, do furo H ao G.

E está pronto este brinquedo, com que vocês se irão treinando, atirando à rodela, para algum futuro campeão de tiro.

PALAVRAS CRUZADAS PROBLEMA



Horizontais: — 1, consoante; 2, consoante; 3, vogal; 4, laço apertado, feito com fita ou corda; 5, consoante; 6, animal roedor; 7, pedra de moíno; 8, parte da estação de caminho de ferro, onde embarcam passageiros; 9, irmã da nossa mãe; 10, corrente de água doce; 11, metal precioso; 12, consoante; 13, vogal.

Verticais: — 10, consoante; 6, consoante; 15, vogal; 2, advérbio de tempo; 1, avezinha de canto; 16, designativo de pergunta ou afirmação; 4, contracção; 17, consoante; 9, corda com que uma embarcação reboca outra; 7, nota musical; 5, nome de serpente.



Este homem, que é muito pobrezinho, andou todo o dia a apanhar pontas de cigarros, para fumar.

Mas o dia foi-lhe infeliz pois só apanhou 32 «beatas.»

Sabendo-se que ele faz um cigarro empregando quatro pontas, pergunta-se: Quantos cigarros consegue ele fazer com as 32 pontas?

Pensem bem...

Vêr no próximo número o nosso Concurso:

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

QUEM TUDO QUERE...

Por **CARLOS AMOR**

— **É** como lhe digo, — (dizia o Tomé ao seu compadre Francisco) — anda o azar comigo. Leva um homem todo o ano a trabalhar como um moiro, e, vai daí, chega ao fim do ano e não colhe nada, ao passo que os outros, tendo trabalhado menos, colheram o que se viu... »

— « Não digo o contrário, compadre, mas a terra não é nossa escrava; precisa de comer para produzir, e o compadre Tomé é muito... como direi? é muito poupado... »

— « Ora, ora, amigo Francisco, não diga isso; o que eu tenho é pouca sorte; se a tivesse, veria que nada mais é preciso. Bem regada e trabalhada é o suficiente. »

A senhora Anica chegou à porta e interrompeu a conversa dos dois compadres, para lhes dizer que a ceia estava a esfriar.

Durante a refeição pouco falaram mas, no fim, enquanto a tia Anica fazia o café, o bom Francisco começou a contar a seguinte história:

— « Olhe, compadre, há muitos anos, muitos mesmo, havia, num Reino distante, um carpinteiro que era mestre no seu ofício mas muito sovina.

A sua ferramenta reduzia-se a um martelo e uma serra, que mal lhe chegavam para fazer pequenos consertos com que ia vivendo.

Um dia, o Rei, sabendo-o um grande artista, manda-o chamar, para lhe encomendar uma caixa, para cuja execução lhe deu três dias de espera, prometendo-lhe, pelo seu trabalho, vinte moedas.

O homem partiu radiante, vendo-se já de posse do dinheiro.

Mal chegou a casa, tratou de dar começo à sua obra mas verificou que, com aquelas ferramentas, lhe era impossível fazer a caixa.

Tenho que comprar mais ferramentas — pensou, e, pegando nas três moedas que lhe restavam das suas economias, dispôs-se a sair para fazer as suas compras, quando lhe acudiu à



idéia que, se tentasse fazer a caixa só com aquela reduzida ferramenta, conseguiria ter, ao fim do trabalho, vinte e três moedas.

Então, fiado na sua habilidade, deu começo à tarefa.

Mas, a-pesar de trabalhar noite e dia, como um moiro — (e o Francisco sublinhou a palavra moiro) — a sua obra não luzia. Viu chegar o terceiro dia do prazo sem ter a encomenda feita.

Tinha perdido as vinte moedas.

O esforço do trabalho sem descanso, levou-o à cama e, dentro em pouco, as suas três moedas passavam para as mãos do médico.

Francisco calara-se mas a mulher que servia o café, rematou:

— « Ai, compadre, olhe que ainda hoje há muita gente que é assim. »

O Tomé, sorria enquanto sorvia o café.

No outro ano, ante o pasmo da povoação, a colheita do Tomé foi a mais abundante de tôdas.

— « Parabens, compadre. Tomé este ano teye sorte? »

— « É verdade, compadre. E, enquanto esperamos pelo café, o compadre vai-me contar outra vez aquela história do carpinteiro, sim?... »

Entreolharam-se os três. Então, o Francisco começou:

— « Olhe, compadre, há muitos anos, muitos... »



A LILOCA ENDIABRADA

(Continuação da página 4)

Mas foi remédio santo. A Liloca não voltou a furtar.

Noutra ocasião, anunciaram à Liloca — então já com seis anos — que acabava de lhe nascer uma sobrinha.

Liloca desata aos saltos: — « Ai que bom!... Ai que bom ter uma sobrinha!... »

— « Porquê? » — perguntou alguém.
— « Porque já tenho em quem bater!... »

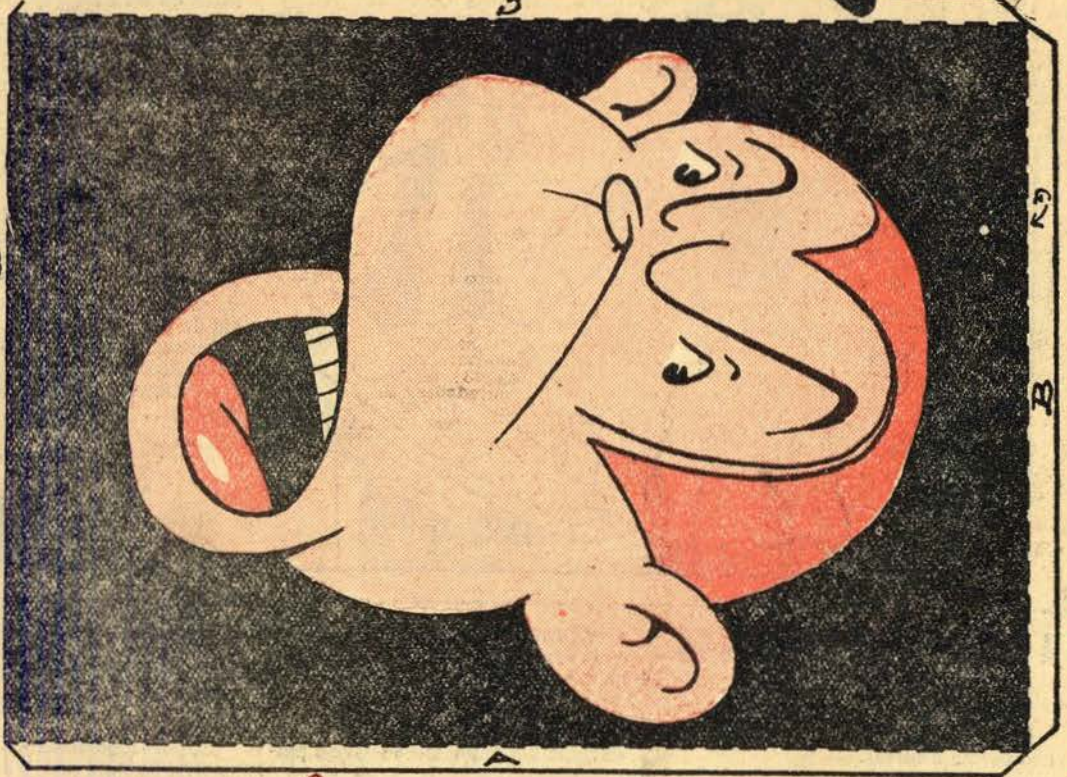
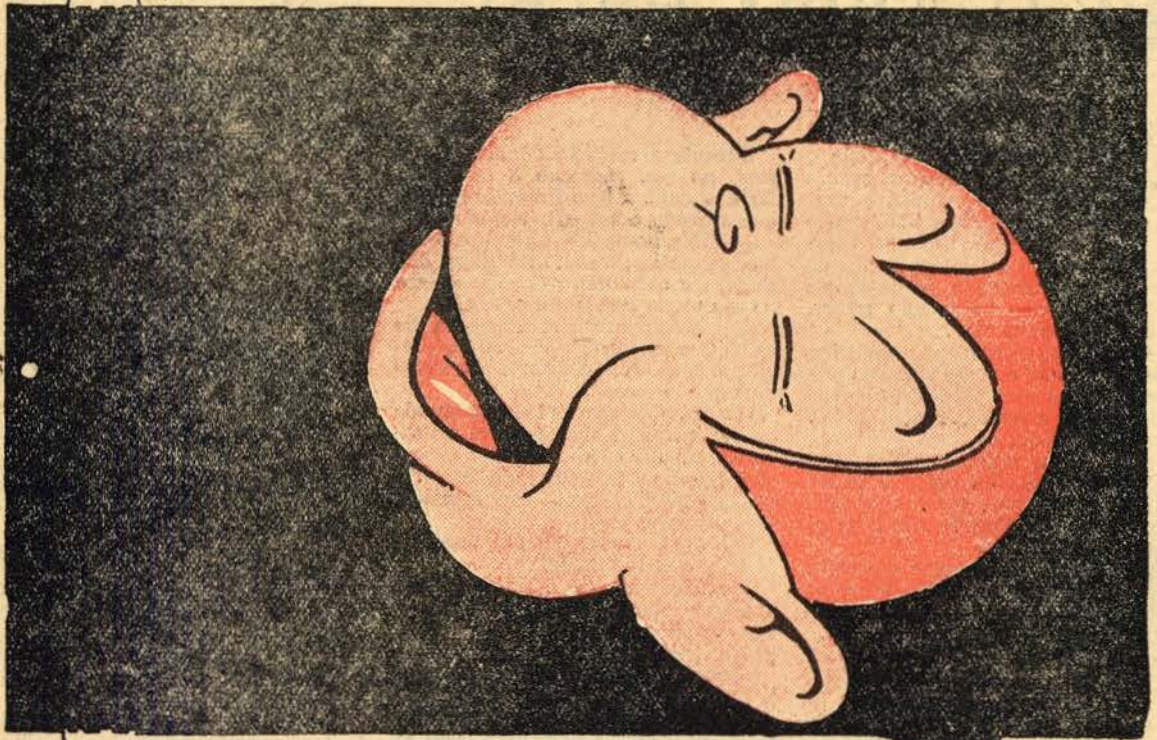
A Liloca era muito faladora. Parecia um papagaio, sempre a palrar.

Certo dia, a irmã mais velha, ante tanto falatório, admoestou-a:

— « Liloca! Sua tagarela!... Quem muito fala, pouco aprende!... »
E ela, espevitada, respondeu logo:

— « É muito bom ter língua!... »
Esta resposta indelicada valeu-lhe um castigo enérgico, tal como vocês supõem.

E agora digam-me: — Não lhes parece que foi preciso um grande esforço e muito trabalho para que a Liloca de então se transformasse na Liloca simpática e boa que vocês conhecem.



UMA SURPRESA... CONSTRUÇÃO PARA ARMAR
por TAVARES PINTO